



PRÁXIS PEDAGÓGICA / BIBLIOTECA

Quando o Trabalho é para Todos

Atividade Pedagógica para o Ensino Médio

Inclusão profissional · Acessibilidade · Participação social

Concepção pedagógica e autoria: Mário Sérgio Godoy

Designer Educacional e Pedagogo

PRÁXIS PEDAGÓGICA | RECURSO 03



Coleção: Biblioteca Práxis Pedagógica

Autoria e concepção pedagógica: Mário Sérgio Godoy

Natureza: Proposta de atividade pedagógica — tema transversal

Etapa de ensino: Ensino Médio

Organização: Investigação, produção coletiva e intervenção

Apresentação

A inclusão profissional das pessoas com deficiência não se esgota na contratação. Envolve o enfrentamento de barreiras, o reconhecimento de direitos e a criação de condições efetivas para entrar, permanecer, participar e desenvolver-se no mundo do trabalho.

Esta proposta transforma esse tema em objeto de investigação no Ensino Médio. Em vez de restringir o trabalho pedagógico à transmissão de informações, organiza situações de aprendizagem em que os estudantes possam identificar barreiras, discutir suas causas, examinar responsabilidades e formular possibilidades de transformação.

A atividade articula reflexão, investigação, produção coletiva e intervenção, podendo ser adaptada aos componentes curriculares, ao projeto pedagógico e às condições concretas de cada turma. O objetivo é compreender que a inclusão diz respeito também à organização dos ambientes e das relações sociais.

1. A PROPOSTA

E se a inclusão profissional começasse antes da entrada no mundo do trabalho? A atividade propõe uma experiência de reflexão, investigação e produção coletiva para discutir direitos, acessibilidade, diversidade, participação e igualdade de oportunidades. O trabalho pode ser adaptado ao componente curricular, ao projeto pedagógico e à realidade de cada turma.

2. POR QUE TRABALHAR ESSE TEMA NA ESCOLA?

O Ensino Médio também prepara os estudantes para a vida social e para o mundo do trabalho. A inclusão profissional permite discutir direitos, diversidade, igualdade de oportunidades, acessibilidade, relações de trabalho, preconceito e responsabilidade coletiva. Questões que podem orientar a conversa: Que mundo do trabalho estamos construindo? Quais barreiras ainda impedem a participação de diferentes pessoas? O que significa, na prática, igualdade de oportunidades? Acessibilidade é responsabilidade de quem? O que cada um de nós pode fazer para construir relações mais inclusivas?

3. COMO TEMA TRANSVERSAL

A inclusão pode atravessar diferentes áreas do currículo. A proposta dialoga especialmente com os eixos de Ética, Pluralidade Cultural e Trabalho e Consumo, além da perspectiva de cidadania. Ética: respeito, dignidade, igualdade e responsabilidade. Pluralidade Cultural: diversidade humana e reconhecimento das diferenças. Trabalho e Consumo: relações de trabalho, direitos e oportunidades. A abordagem transversal permite que o tema seja trabalhado de forma integrada às áreas do conhecimento, sem transformá-lo em uma disciplina isolada.

4. QUESTÃO DISPARADORA

“O que está impedindo que uma pessoa participe?” Apresente situações concretas: uma escada impede a entrada de quem usa cadeira de rodas; um sistema inacessível pode impedir o trabalho de uma pessoa cega; uma reunião sem recursos adequados pode impedir a participação de uma pessoa surda. Pergunte à turma: o problema está na pessoa ou nas barreiras existentes?

5. PRIMEIRO MOVIMENTO — ENTENDER

Antes de mudar, precisamos compreender. Investigar com a turma: O que é deficiência? O que são barreiras? O que é acessibilidade? O que é capacitismo? O que significa igualdade de oportunidades? O objetivo é deslocar o olhar e perceber que as condições de participação também dependem do ambiente.

6. SEGUNDO MOVIMENTO — RECONHECER

Agora é hora de olhar para os espaços que fazem parte da vida dos estudantes. Escolha um espaço para investigar: escola; transporte; serviços públicos; cultura e lazer; ambientes digitais; mundo do trabalho. Em grupos, os estudantes devem identificar: que barreiras existem? Quem é afetado? O que poderia ser diferente?

7. CAÇA ÀS BARREIRAS

Os estudantes observam e classificam as barreiras encontradas. Arquitetônicas: espaços, circulação e mobiliário. Comunicacionais: reuniões, documentos, vídeos e informações. Tecnológicas: sistemas, softwares, plataformas e equipamentos. Atitudinais: comportamentos, preconceitos e discriminações. Institucionais: regras, procedimentos e práticas de gestão.

8. TERCEIRO MOVIMENTO — QUESTIONAR

Depois de identificar uma barreira, pergunte: Por que ela existe? Quem é afetado? Quem pode enfrentar essa barreira? O que poderia mudar? A solução depende apenas da pessoa com deficiência? A proposta é perceber que inclusão não significa simplesmente adaptar a pessoa ao ambiente. O ambiente também pode precisar mudar.

9. QUARTO MOVIMENTO — RELACIONAR COM O TRABALHO

Inclusão profissional não termina na contratação. ENTRAR → PERMANECER → PARTICIPAR → DESENVOLVER-SE → AVANÇAR A discussão pode abordar formação, participação, desenvolvimento, promoção e carreira. O estudante é convidado a perceber que inclusão profissional envolve condições para construir uma trajetória.

10. PRODUÇÃO DOS ESTUDANTES

E se fôssemos responsáveis por mudar isso? Cada grupo transforma sua investigação em uma produção: cartaz, infográfico, vídeo, podcast, campanha ou proposta de melhoria. A produção deve apresentar: 1. a barreira identificada; 2. quem é afetado; 3. por que ela existe; 4. o que poderia mudar; 5. quem pode participar da mudança.

11. SOCIALIZAÇÃO

Cada grupo apresenta sua produção para a turma. Depois, discutir: Quais barreiras apareceram com maior frequência? Quais não percebíamos antes? Quais são mais fáceis de transformar? Quais dependem de mudanças institucionais? O que podemos fazer dentro da própria escola? A atividade deixa de ser apenas sobre as pessoas com deficiência e passa a ser também sobre a sociedade que todos nós construímos.

12. O QUE APRENDEMOS?

Como fechamento individual, cada estudante completa: “Antes desta atividade, eu pensava que inclusão era...” “Agora percebo que...” “Uma barreira que eu não costumava perceber é...” “Uma mudança que considero possível é...” “Uma atitude que posso assumir é...” O objetivo é perceber se o estudante ampliou seu olhar sobre deficiência, acessibilidade, trabalho, direitos e participação social.

13. COMO AVALIAR?

A avaliação pode considerar o processo, e não apenas o produto final. Aspectos a observar: compreensão dos conceitos; capacidade de identificar barreiras; argumentação; participação no trabalho coletivo; capacidade de propor possibilidades de transformação; relação entre o tema e a própria realidade.

14. PARA ALÉM DA ATIVIDADE

A atividade pode gerar uma nova investigação: Nossa escola é realmente acessível e inclusiva? Os estudantes podem analisar espaços físicos, comunicação, materiais didáticos, ambientes digitais, relações interpessoais, participação nas atividades e atitudes e comportamentos. “O que podemos melhorar?” Assim, a atividade passa da reflexão à intervenção.

15. FECHAMENTO

“Informar. Refletir. Reconhecer. Propor. Transformar.” Um ambiente de trabalho inclusivo não é aquele que simplesmente abre a porta. É aquele em que as pessoas conseguem entrar, permanecer, participar, aprender, crescer e construir sua trajetória profissional.

Orientação para a mediação pedagógica

Na investigação das barreiras, preserve a privacidade e a autonomia dos estudantes. Nenhuma pessoa com deficiência deve ser exposta ou solicitada a representar obrigatoriamente as experiências de outras pessoas. A escuta deve ser voluntária e respeitosa, com participação acessível e alternativas de expressão.